

HANNAH ARENDT: UMA PENSADORA FASCINANTE

Nascida há um século, na cidade de Hanover, Alemanha, Hannah Arendt foi aluna de Heidegger e de Jaspers. Marcada por sua condição de judia e de refugiada política, perseguida pelo nazismo, Arendt dedicou o essencial de sua reflexão teórica à compreensão do fenômeno do totalitarismo contemporâneo, tanto em sua variedade nacional-socialista quanto em sua variante stalinista. Seu livro em três volumes sobre "As origens do totalitarismo" apareceu entre 1951 e 1952.

Sua obra mais polêmica é "Eichman em Jerusalém" (1963) em que fez a cobertura do processo do célebre criminoso de guerra, em Israel, livro muito atacado por sua tese de que os Conselhos Judaicos haviam desempenhado um papel decisivo na concretização do Holocausto.

Alguns dos elementos mais interessantes de sua filosofia política estão em "A condição humana", em que discute a distinção clássica e medieval entre a vida contemplativa e a vida ativa, e distingue nesta três articulações principais, o fazer, ou fabricação de objetos materiais, o trabalhar, ou a produção dos meios necessários à sobrevivência biológica do homem, e o agir, o domínio da política. Deixou incompleto seu testamento teórico, "A vida do espírito", (1978), dividido em três partes, "Pensar", "Compreender" e "Julgar".

O acadêmico Sergio Paulo Rouanet observa:

“- Chamada de conservadora pelos intelectuais de esquerda e de esquerdista pelos conservadores, Arendt se orgulhava de não pertencer a nenhum grupo. Talvez seja essa total liberdade de espírito que faz dela uma das pensadoras mais fascinantes de nossa época, que se caracteriza pela emergência do novo, pelo colapso das certezas e pelo fim de todos os dogmas”.